

Domingo 1 de Quaresma – Ano C

Logo a seguir o Baptismo, no rio Jordão, o Espírito Santo impeliu Jesus ao deserto, onde foi tentado pelo diabo. Pelo poder do Espírito Santo, Jesus alcançou a grande vitória: lá onde Adão pecou, Cristo venceu. Assim é para nós, com o Baptismo recebemos o Espírito Santo. Ele conduz-nos a enfrentar a luta contra o mal e nós temos a certeza que, unidos a Cristo, alcançaremos a vitória. O Evangelista São Lucas, através de imagens simbólicas bem conhecidas, descreve de forma resumida as três grandes tentações que Jesus suportou ao longo de toda a Sua vida. Ele não é um jornalista que relata o que aconteceu, mas sim como um pastor e, como tal quer conduzir os fies pelo caminho da santidade para alcançar a salvação.

O que ele quer ensinar? Primeiro: que Jesus, o Filho de Deus, pela encarnação tornou-se verdadeiramente homem. Assumiu as fraquezas e limitações da nossa humanidade. E, sendo homem também foi tentado como nós, mas onde nós cedemos, Ele não cedeu, não pecou: o diabo *«tendo terminado todo o género de tentações retirou-se por um certo tempo»* (v. 13).

O diabo voltou na hora da paixão, mas Jesus saiu vencedor: *«Pai seja feita a vossa vontade»*. O diabo *disse-lhe: «Se és o Filho de Deus, deixe agora da Cruz e nós acreditaremos»*, mas Jesus não fugiu, ficou pregado na cruz, não utilizou o seu poder divino para evitar as limitações da natureza humana.

Lá, no alto da cruz, como diz o apóstolo São João, o príncipe deste mundo foi *«deitado fora»*, foi definitivamente vencido.

Jesus foi tentado, mas não foi vencido. Ele entrou no deserto como aconteceu ao povo de Israel, enfrentou a luta que leva da escravidão para a liberdade. Pelo poder do Espírito Santo, foi tentado, mas não pecou. Percorreu o mesmo caminho e saiu vencedor, até a vitória final da ressurreição.

A primeira tentação: Jesus renunciou de utilizar o seu poder divino e transformar as pedras em pão! (vv. 3-4).

O que são as pedras? *As pedras são as dificuldades da vida.* Jesus não transformou as pedras em pão, deixou as pedras ser pedras, isto é, aceitou a dureza da vida até às últimas consequências: a morte na cruz. O diabo tentou-o dizendo-lhe de não exagerar em ser verdadeiramente homem como os outros, que sofrem, passam fome, ficam cansados, adoecem e morrem, mas de usar o seu poder divino para fugir ao sofrimento.

Jesus, ao longo da sua vida nunca cedeu a esta tentação. Usou sim do Seu poder divino, mas para si mesmo, mas para os outros: curou os doentes e expulsou os demónios, manifestou o seu poder divino para revelar a misericórdia de Deus. Jesus como qualquer homem, foi concebido, nasceu, cresceu e aprendeu; como todos os seres humanos, trabalhou, suou, passou fome, sede, noites de insónia e renunciou a qualquer privilégio. Jesus foi um homem verdadeiro, em tudo igual a nós, excepto no pecado. Mesmo, lá no alto de cruz, não cedeu à tentação de ser diferente dos outros, ficou lá pregado, até morrer. Se tivesse descido da cruz, usado o seu poder divino, Jesus teria sido um triunfador aos olhos dos homens, mas derrotado perante Deus.

Jesus aceitou a responsabilidade de ser homem. Ele ensina-nos a não fugir aos nossos deveres, às nossas responsabilidades. Caímos nesta tentação todas as vezes que recusamos de viver o amor, a solidariedade e a partilha; quando desfrutamos egoisticamente as nossas capacidades e os bens materiais para o nosso proveito pessoal e não para ajudar os outros. **Jesus preferiu ser um derrotado com os outros, em vez de ser rico e estar bem sozinho.**

Jesus ensina a viver para o bem dos outros, a não usar os bens materiais só para o nosso proveito pessoal, a não acumular para si próprio, mas aceitar a lógica do trabalho e do sacrifício, a renunciar a uma vida cómoda e esbanjar o dinheiro no luxo e no supérfluo, enquanto a outros seres humanos faltam do necessário para viver.

Jesus venceu recorrendo à Palavra de Deus: «Não de pão vive o homem» (Dt 5, 3). A palavra de Deus, é a luz que ilumina a nossa vida. Nela encontramos a força para valorizar os bens terrenos para o bem de todos e para a nossa salvação eterna. Jesus não ensinou a desprezar os bens materiais, mas de os utilizar de forma correcta, para não se transformarem em ídolos.

A segunda tentação: «Eu te darei todo este poder e a glória destes reinos, porque me foram confiados, Se te prostrares diante de mim, tudo será teu» (vv. 5-8). Jesus venceu, recorrendo à Palavra de Deus: «só ao Senhor adorarás, só a Ele prestarás culto». Jesus ensina a não idolatrar as criaturas, mas adorar só a Deus. Satanás pecou porque, sendo uma simples criatura pretendeu ser adorado como se fosse Deus.

Adorámos o verdadeiro Deus quando lhe damos o primeiro lugar em nossas vidas, assim, tornam-nos mais humanos, e entramos no justo relacionamento com os outros. Jesus deixou-nos o seu exemplo, pois Ele viveu fazendo a vontade do Pai, assumiu a lógica do amor: veio não para ser servido, mas para servir a dar a vida pela nossa salvação. **É a escolha entre dominar ou servir.** Se conseguimos uma boa formação e temos um bom trabalho, não podemos esquecer os outros que tiveram menos sorte. Podemos fazer alguma coisa para os ajudar. Quem detém o poder, quem é rico, pode servir-se da sua posição para dominar sobre os outros, mas pode também ajudar os pobres, aqueles que foram menos favorecidos na vida.

O desejo de poder é de tal forma irrefreável que, até mesmo quem é pobre, é tentado a subjugar quem é mais fraco. Jesus tinha toas as qualidades para emergir, para subir todos os degraus do poder religioso e político. Era inteligente, lúcido, corajoso, encantava as multidões. Certamente teria tido sucesso, mas não seguiu por este caminho: renunciou à maneira de viver deste mundo, utilizando os seus métodos; escolheu o caminho do serviço e do dom da vida pelos outros.

A terceira tentação é a mais perigosa: «atira-te daqui abaixo, porquê está escrito» (9-12). Isto é por à prova a Deus, exigir que Ele se manifeste de forma prodigiosa. Por isso, **Jesus responde, mais uma vez, opondo a Palavra de Deus «Não tentarás ao Senhor, teu Deus».** Esta tentação denuncia a maneira errada de nos relacionarmos com Deus.

Caímos nesta tentação todas as vezes que duvidamos do Seu Amor e da Sua providência. O objectivo do maligno não é e de provocar alguma cedência moral, alguma fragilidade, ou fraqueza, mas *minar pela base a relação com Deus. Insinua na nossa mente a desconfiança. Desconfiamos Dele, da Sua presença amorosa, da Sua fidelidade em cumprir as Suas promessas.*

Caímos nessa tentação quando pensamos que Deus falte à palavra dada. Ele garantiu a sua proteção, mas depois quem sabe. Deixamos de confiar nele. Desta dúvida nasce a necessidade de «ter provas». No deserto o povo de Israel, extenuado pela fome, pela sede, pelo cansaço, cedeu a esta tentação e exclamou: «Está o Senhor no meio de nós sim ou não?» (Ex 17,7). Provocou a Deus dizendo: se está do nosso lado, se realmente nos acompanha com o seu amor, que se manifeste concedendo-nos um sinal, fazendo um milagre.

Jesus nunca cedeu a esta tentação. Pelo contrário, nós, quando as coisas não correm bem, como deveriam, começamos a duvidar: «Onde está Deus? Quem sabe se existe! Vale a pena continuar a acreditar Nele? Isto é sinal que a nossa fé é frágil, por isso, se Ele não dá as provas, desmoronamos.

Deus não prometeu aos seus fiéis preservá-los das dificuldades e das tribulações. Não prometeu libertá-los milagrosamente da doença, da dor, mas dar-lhes a força para que não saiam derrotados das provas. Não se pode pensar que Deus nos vai tratar de forma diferente daquela como tratou o seu Filho unigénito. Não o libertou do sofrimento, nem das limitações humanas, mas passando através delas.